

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA NO PAÍS DAS MARAVILHAS.

Larissa Marinho Ávila

Rio de Janeiro

2021

LARISSA MARINHO ÁVILA

UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA NO PAÍS DAS MARAVILHAS.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação de português/italiano.

Orientadora: Prof^a Doutora Danielle Ramos

Rio de Janeiro

2021

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LARISSA MARINHO ÁVILA
DRE: 113276695

UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA NO PAÍS DAS MARAVILHAS.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Italiano.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

Danielle Ramos-Presidente da Banca Examinadora
Profª Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Valéria Fernandes Nunes
Profª.Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

RESUMO

Este trabalho busca analisar o livro *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol e como a infância é percebida através da protagonista e pela forma como os personagens lidam com essa fase da vida. Analisaremos esse olhar sobre o assunto e como foi determinante para a educação que estas receberam no decorrer das décadas. Estabeleceremos o foco principalmente na era vitoriana e como a cultura, a igreja e o crescimento industrial foram determinantes para a criação de novos ideais de infância. A literatura teve um papel fundamental para as crianças e foi um importante movimento do pensamento crítico, além de um escape para o lúdico em uma era severa para a formação infantil. Nesse respeito, vamos entender como o livro Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll mostrou-se fundamental nesse sentido e como ainda hoje pode nos ajudar na busca de um olhar para a infância mais lúdico e humanizado.

Palavras-chave: Alice. Infância. Lewis Carroll. País das Maravilhas. Era vitoriana.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the book *Alice's Adventures in Wonderland* by Lewis Carroll and how childhood is perceived through the protagonist and by the way the characters deal with this stage of life. We will analyze this perspective on the subject and how it was decisive for the education they received over the decades. We will focus primarily on the Victorian era and how culture, church and industrial growth were instrumental in creating new childhood ideals. Literature played a fundamental role for children and was an important movement of critical thinking, as well as an escape into play in a severe era for child training. In this regard, we will understand how the book *Alice in Wonderland* by Lewis Carroll proved to be fundamental in this regard and how it can still help us today in the search for a more playful and humanized look at childhood.

Keywords: Alice. Childhood. Lewis Carroll. Wonderland. She was Victorian.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 – AS VISÕES DA INFÂNCIA	8
1.1 A Infância na Era Vitoriana.....	11
1.2A Infância e a Literatura.....	15
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX.....	17
2.1 Educação e Literatura.....	24
CAPÍTULO III – ALICE NO PAÍS SEM MARAVILHAS.....	28
3.1 Alice no País das Maravilhas.....	29
3.2 O Nonense nas Obras de Carroll.....	34
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Com a leitura do livro de Lewis Carroll começamos a meditar sobre a sociedade em que Carroll vivia e decidimos pesquisar, inicialmente, com base nas referências de Philippe Ariès e Flávia Morais sobre a sociedade vitoriana para saber como a infância era compreendida neste período da história.

A literatura tem um papel fundamental na história e esse papel não é diferente no caso de Carroll e de outros autores da era vitoriana. Como atuais e futuros professores e educadores, entender a importância da infância e os efeitos que nossos padrões impostos e a educação que nós recebemos têm sobre ela, deve ser uma prioridade e um compromisso. Não podemos ignorar a História e a maneira como ela lidou com as crianças durante vários séculos. Os ensinamentos baseados nas tradições carregam consigo traços de uma sociedade que não costuma atender a sua época. Nenhum tipo de ensino é, de todo ruim, mas cabe a nós aprender com o que a História nos ensina sobre como lidar com a infância. Uma das principais e mais seguras fontes que consideramos hoje, livre do compromisso de dar apenas uma versão, para enxergar as diversas perspectivas das pessoas de épocas diversas é a literatura. Lewis Carroll foi um autor pontual em levar o *nonsense* e o fantástico a outro nível de escrita, e como poderemos analisar mais detalhadamente, o uso desses recursos literários possibilitou aos seus leitores, crianças, jovens ou adultos, o pensamento crítico e a estranheza de forma absolutamente maravilhosa.

Nesse trabalho, vamos analisar a História da criança, as formas de educar, rígida, severa e lúdica, adotadas pelas escolas e mentores do século XIX e como a literatura desempenhou esse papel crítico fundamental ao olhar para as crianças em uma sociedade que se recusava a tentar compreendê-las. Vamos analisar o livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll e buscar entender como Carroll, usando uma protagonista imaginativa, fez uma crítica pontual a uma era de puritanismo e rigidez. Além do aspecto crítico, vamos mencionar, ainda, como a literatura, infantil principalmente, e a sua ludicidade era um meio fundamental para a atração e

compreensão infantil colaborando ou não para fins educacionais e a propagação do puritanismo, bem como, um meio de lazer.

Realizamos uma pesquisa sobre a popularidade da Rainha Vitória e a influência da igreja sobre o desenvolvimento familiar e da identidade do indivíduo e veremos como esses conceitos ainda aparecem como resquícios no modo de pensar atual de muitas pessoas.

Por último, veremos aspectos da obra de Carroll que tornaram essa escrita tão marcante durante tantas gerações e como ainda hoje, se torna uma obra atual e interessante para o estudo de diversas áreas, incluindo a educação.

CAPÍTULO I

AS VISÕES DA INFÂNCIA

“As coisas estão piores que nunca”, pensou a pobre criança, “pois nunca fui tão pequena assim antes, nunca! Eu garanto, isto é muito ruim, de verdade!”

Alice no país das maravilhas – Lewis Carroll

Não poderíamos iniciar essa pesquisa, se não com uma citação de Lewis Carroll, um importante escritor e acadêmico nascido na Inglaterra em janeiro de 1832, que baseou suas obras no nonsense e se tornou mundialmente conhecido pelos livros *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1875) e *Através do Espelho e o que encontrou por lá* (1871). Esse importante autor que viveu na Inglaterra no período vitoriano nos ajuda a entender uma época em que a criança tinha um lugar muito subestimado na família, na escola e na sociedade. Em breve trataremos mais sobre esse tema, especificamente no que diz respeito a escola, mas para que consigamos entender todo o contexto do livro ‘Alice no País das Maravilhas’, precisamos entender o conceito de infância, conhecer a sociedade e a ideologia predominante na era vitoriana, período em que foi escrito o livro, e identificar o fundo histórico que permeia as falas e atitudes da protagonista Alice, que se trata de uma criança de aproximadamente 10 anos.

Para que possamos falar de infância, é necessário que entendamos primeiro o conceito sobre ela. Segundo o dicionário Oxford Languages, a infância é o “*período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia*”. A Declaração de Direitos da Crianças de 1959, ainda acrescenta que o termo criança é aplicado ao ser humano do período em que nasce até atingir a

maior idade de 18 anos. Assim, entendemos que a infância é um período fundamental de desenvolvimento dos primeiros anos de vida de uma criança.

Só isso, porém, não nos ajuda a definir com clareza o que é a criança e como a infância é entendida. Para isso, vamos olhar o caminho que a sociedade percorreu para que se entendesse que havia uma infância e para que ela fosse compreendida pelos adultos. Talvez hoje quando pensemos em crianças, a primeira coisa que vem à mente seja a época em que brincar estava na nossa essência. O modo de viver espontâneo e receptivo e o apego emocional em relação a figura de um adulto aparecem com frequência quando se é criança. Além disso, a imaturidade em vários sentidos, emocional, sexual e fisiológica também são traços marcantes quando falamos da infância.

No decorrer da História muitas coisas foram questionadas e observadas em relação às crianças, mas a ideia de infância e a visão diferenciada sobre as crianças ganhou espaço notório há poucos séculos. Segundo o livro *A história social da criança e da família*, de Philippe Ariès, era muito comum crianças serem retratadas em obras de arte, *por exemplo, como adultos pequenos. A ideia de infância surgiu muito posteriormente. “Por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la[..]. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.”* (ARIÈS, 1986. pg.49)

A criança até poucos séculos antes do século XIX não tinha um lugar na sociedade, simplesmente eram encaradas como adultos em miniatura. Diferente do que conhecemos hoje, a criança não tinha um lugar de destaque na família e a infância parecia não existir, menos ainda exigia cuidados especiais da maioria das pessoas. Aos poucos, alguns conceitos relacionados a infância foram se modificando, mas ainda no século XIX, período retratado na obra *Alice no País das Maravilhas*, as crianças não desempenhavam um lugar de grande importância em relação a família, a escola ou a qualquer espaço na sociedade.

Quando olhamos a construção da ideia de infância no decorrer da História, entendemos que a passagem delas na sociedade e na família, em muitos casos, era pouco duradoura. Não era difícil ou mesmo incomum saber de relatos de crianças que morreram ainda muito pequenas. Philippe Ariès(1986) nos aponta que a criança não chegava a sair de um espécie de anonimato. As mães do século XVII muitas vezes,

tinham mais filhos do que poderiam cuidar e por esse motivo, em alguns casos, a morte de uma criança passava a ser usada até mesmo como um consolo. Somente no século seguinte, com a criação de práticas contraceptivas, esse pensamento provavelmente desapareceu. É possível que outras práticas, como enterrar crianças, como hoje enterramos nossos animais domésticos em casa, pudessem ter persistido em existir até o século XIX, o que nos ajuda a entender a pouca importância que a criança representava nesse período. No trecho abaixo de Philippe Ariès(1986) vemos parte de um relato que nos ajuda a entender esse pensamento de pouca importância que muitas pessoas atribuíam as crianças:

Ainda no século XVII, em *Le Caquéi de raeouchée*, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco “pestes”, e que acabara de dar à luz: “Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos”. Estranho consolo! (ÁRIÈS, 1986.p. 56).¹

Como podemos perceber a ideia de infância era pouco entendida pela sociedade, a partir apenas do século XVI algumas coisas começaram a mudar para as crianças. Essas que antes eram vestidas como miniadultos ou sem muita importância, muitas vezes com atribuições de costumes que não se julgava mais modernos, passam a ganhar uma vestimenta mais adaptada as necessidades da infância. Interessante ressaltar que antes disso, crianças independentes do seu gênero, até uma certa idade se vestiam da mesma maneira. Quando já tinham idade suficiente para usar outro vestuário, fazia-se a distinção entre menino e menina pelas roupas que os pais usavam. O menino que antes usava vestido, passa a usar calças, assim como seu pai e a menina por sua vez, passa a usar as roupas cheias de peculiaridades que sua mãe vestia. Quando o sentimento relacionado a infância começa a ser percebido, faz-se necessário modificar essa lógica de vestimenta também. Visivelmente as crianças começam a ganhar um espaço na sociedade, primariamente, nas classes mais altas. Philippe Ariès(1986) nos explica como era feita essa particularização pela vestimenta nas diferentes classes da sociedade:

Se nos limitarmos ao testemunho fornecido pelo traje, concluiremos que a particularização da infância durante muito tempo se restringiu aos meninos. O que é certo é que isso aconteceu apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos: jamais são representadas usando vestido comprido ou mangas falsas. Elas conservaram o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras (ÁRIÈS, 1986.p.81)

Algo muito similar acontecia em relação aos jogos e brincadeiras. As brincadeiras mais voltadas às características das crianças eram presenciadas apenas nos primeiros anos de vida, depois, desapareciam e abria espaço para as brincadeira e jogos mais característicos dos adultos como observamos no trecho “*a infância tornava-se o repositório dos costumes abandonados pelos adultos.*” (ARIÈS,1986. Pg.92)

1.1 A infância na era vitoriana

A era vitoriana foi um período da história que levou esse nome graças ao reinado da Rainha Vitória sob o Reino Unido que começou em junho de 1837 e terminou com sua morte em 1901. Foi uma época marcada pelo grande senso de moral e puritanismo imposto pela igreja, que a Rainha era representante, e pelo boom no crescimento industrial e científico. Nesse período a burguesia ganhava um espaço mais notório na sociedade e a Inglaterra era comercialmente dominante no cenário mundial, principalmente no comércio marítimo. Com esse crescimento, a pobreza nas grandes cidades se tornou mais evidente com surgimento de moradias mais aglomeradas e o nascimento das fábricas e minas de carvão que necessitavam de mão de obra barata.

Com o avanço industrial, muitas características dessas sociedades foram se modificando. A sociedade que antes dividia seu tempo com várias faces da vida cotidiana, agora se apresenta dedicada integralmente ao trabalho. A diversão que antes era considerada comum, principalmente entre as crianças das classes populares, agora

saíra dos padrões morais aceitáveis para uma sociedade **familiar** (grifo nosso). Jogos antes recorrentes, passaram a ter um lugar marginal na sociedade moderna do século XIX, uma sociedade marcada principalmente pelo seu conservadorismo. Alguns jogos que pertenciam as classes superiores em séculos passados são transformados e adotados pela burguesia a partir de então. Chama atenção, que durante a reforma moral vivida principalmente no período vitoriano, alguns hábitos em relação as brincadeiras com o sexo das crianças passaram a ser recriminadas. Segundo Philippe Ariès (1986), alguns relatos de brincadeiras vividas por crianças da alta sociedade, como Luís III em séculos anteriores, nos mostram como, sem a menor preocupação, as pessoas brincavam com os órgãos sexuais das crianças até o fim da, considerada atualmente, primeira infância (aproximadamente 5, 6 anos). Em outras tradições isso continuou se perdurando durante bastante tempo.

Quando lemos alguns desses relatos, nossa primeira reação pode ser o choque em relação a naturalidade que essas brincadeiras eram encaradas, mas ao analisar vários relatos semelhantes percebemos que, para aquela sociedade em que foi criado Luís III, determinados comportamentos em relação as crianças pareciam brincadeiras cotidianas. Tempos depois, esses tipos de brincadeiras deixaram não só de ser praticadas, mas também repudiadas. É o nosso caso atual.

Junto com essa **reforma moral** outros conceitos e hábitos em relação as crianças foram reformulados e questionados. Ariès (1986) continua:

O segundo princípio rezava que se deveria evitar mimar as crianças, habituando-as desde cedo à seriedade: “Não me digas que são apenas crianças e que é preciso ter paciência. Pois os efeitos da concupiscência já aparecem bastante nessa idade”. Tratava-se de uma reação contra a “paparicação” das crianças de menos de oito anos, e contra a opinião de que elas ainda eram muito pequenas para serem repreendidas (ÁRIÈS, 1986.p.142)

Essa ideia de repreensão foi bem difundida nos séculos seguintes. A literatura representou esse quadro. O livro *Alice no País das Maravilhas* de Carroll é um dos exemplos em que se percebe o rigor em que as crianças eram criadas e tratadas, principalmente na escola. Algumas regras, a partir de então, passaram a surgir lideradas

especialmente por pessoas da área educacional. Novas regras de convivência em colégios e na família foram sugeridas para que se mantivesse a ordem em relação ao pudor e a decência, principalmente no relacionado ao próprio corpo.

A criança não era mais a que tinha apenas algumas de suas particularidades distinguidas dos adultos, e menos ainda aquela cujas característica fazia rir o adulto como meio de distração. A partir do século XVI a descoberta da infância tomou proporções mais evidentes, mas apenas no século XIX a criança passa a ser o foco da preocupação psicológica e moral da sociedade, visadas por pessoas interessadas em costumes e disciplina. A família passou a ser um meio de transmitir bens, descendência e nome. Toda essa praticidade e preocupação por costumes passou a abrigar um lugar pouco afetivo na maioria das famílias. Com essa preocupação precária com o afeto, instituições como internatos, que poderiam dar disciplina e uma rigorosa educação, se popularizaram e a criança que antes poderia ter liberdade entre os adultos da família, agora deveria viver sob severas correções e duras penas, caso não realizasse exatamente o que o adulto mandava.

No entanto, é importante observar que as classes mais populares da sociedade mantiveram características familiares de séculos anteriores. Como não sofreram pressão exterior para manter um certo nível de status, muitas dessas famílias conservaram como diz Ariès, 1986 “*um certo gosto pela multidão*”, já que a ascendência moral familiar era tipicamente burguesa. O trabalho infantil tornava-se comum em lugares como minas de carvão, que surgiram com a invenção de alguns meios de transporte, e a criança de classes pobres acabava por serem forçadas a trabalhar em condições sub-humanas com o mesmo rigor de mão de obra de um adulto. A imagem tipicamente burguesa com seus altos padrões de moral era só a capa da sociedade. As crianças, ou a maioria delas, continuavam a sofrer com questões que séculos antes eram comuns, mas naquele momento precisavam ser reavaliadas, ironicamente, apenas aos mais favorecidos.

A busca quase fanática pelo apelo dogmático da igreja foi tanto que o questionamento perdeu o seu lugar e virou comum deixar para outros pensarem o que deveria ser a obrigação de cada um questionar. Nesse sentido, acabou sendo mais cômodo aceitar e reproduzir o comportamento **moralista** do que fazer pensar o seu

sentido em meio aquela sociedade nitidamente desigual. Falando sobre isso Moraes, 1999 diz:

A verdade em que os vitorianos acreditavam era a verdade absoluta, estabelecida dogmaticamente por homens a quem não se devia questionar. Isso fez das mentes vitorianas um complexo de rigidez assumida e dúvida velada. Havia, em quase tudo, uma afirmação implícita de infalibilidade o que, afinal, era praticamente uma necessidade, já que viviam agora sob a pressão de uma vida competitiva. (MORAIS, 1999.p.25)

A hipocrisia desse comportamento, que se tornou natural, era fechar os olhos para as coisas que ainda existiam na sociedade e que estavam erradas, como o trabalho infantil. Esse comportamento dava aquela sociedade um discurso que era meramente de aparências. As crianças eram criadas e acostumadas vivendo nesse meio em que o correto era o que a igreja, mesmo em suas desapropriações ou seja, coisas que nada tinham que ver com a fé, dizia. A opinião delas, das crianças principalmente, para grande parte dos adultos não importava. ‘Obedeça e não questione’ seguia sendo a ordem em quase todos os campos da vida, mesmo que você vivesse uma vida oposta no oculto da vista alheia. Moraes(1999) continua a falar sobre esse comportamento vitoriano quando nos diz:

Os vitorianos, embalados por afirmações deste tipo, escondiam suas reais convicções, gostos e inclinações; de fato, pretendiam ser melhores do que verdadeiramente eram. Afirmavam-se portadores de uma piedade e moral inabaláveis, fechavam seus olhos para tudo o que pudesse ser indigno, feio, sujo, fingindo que tudo isso não existia. Lendo os clássicos romances de Jane Austen, vemos com total clareza o descompasso entre o discurso moralista e os comportamentos hipócritas da sociedade vitoriana (MORAIS, 1999. P.30)

Da mesma forma que o adulto, como vimos acima, a figura da criança **perdida** (grifo nosso) no meio dessa sociedade, também devia se calar. Por esse motivo, entender a sociedade e o lugar que a criança ocupava além de como caminhamos até aquele momento, nos ajuda perceber alguns pontos interessantes do livro de Lewis Carroll, que muitas vezes, apresenta certo grau de ironia ao pensar a sociedade inglesa dentro da história. Alguns destes pontos, se relacionam aos personagens e outros as

atitudes de Alice frente ou imprevisível e não convencional. Nesse sentido, é impossível falamos em Alice e, como professores, não considerarmos a relação do livro com a educação severa que mencionamos anteriormente. Para tanto, devemos entender o contexto escolar dessa sociedade do século XIX e como este aparece de forma expressiva nas atitudes da criança educada neste período.

1.2 A infância e a literatura

Considerando tudo o que vimos sobre a infância podemos ter uma dimensão da dificuldade de se falar de literatura infantil. Segundo Peter Hunt(2010), a literatura é algo muito difícil de se definir e mais ainda quando falamos de uma literatura voltada para a criança. O que é adequado ou caracterizado para se enquadrar nesse conceito é aparentemente questionável. A literatura infantil se define pelo quê? O leitor infantil não deveria ser enquadrado como um leitor de literatura inferior e nem a leitura como adaptada. O que podemos mencionar é que atualmente algumas dessas definições relacionadas a literatura (convenientemente) podem ser concebidas através de separação de características, usos ou mesmo normas culturais. Hunt(2010) nos aponta que é mais importante o valor que se atribui a uma obra do que as características que ela possa possuir. Em resumo, uma obra pode ser classificada de forma muito relacionada a época cultural a que ela pertence. Os valores morais de cada época ajudam a determinar a que faixa etária cada obra literária deveria pertencer, mas o autor ainda nos lembra que essas obras são escritas muitas vezes por adultos, por esse motivo, os valores de morais que são atribuídos nas obras, em sua grande maioria, são instrumentos de formação de opinião para as crianças em relação as suas escolhas. Assim, podemos dizer que a literatura infantil também está relacionada ao modo como as sociedades compreendem a sua destinação às crianças. Outras característica podem ser questionáveis, já que o público leitor ao qual se destina essa literatura não é um público que tende a avaliar criticamente tudo o que lê. A literatura infantil, por tanto, não deveria ser classificada como uma subcategoria da literatura e menos ainda como algo menor ou menos relevante. A inferioridade trazida nesse contexto de literatura pode então permear o conceito do que é ser criança e do que a infância representou no decorrer da história. As definições que temos atualmente sobre a infância são modernas, não muitos séculos

atrás esse conceito de infância e criança era outro. Como vimos em Hunt(2010) a literatura tende a ser influenciada pelos contextos culturais de sua época. Por isso, não é de se estranhar que ganhar o **peso de literatura** tem ligação com prestígio e valor dado pelos adultos cultos.

A Literatura desempenhou papéis significativos na sociedade vitoriana, esses papéis foram intimamente interligados a educação e formação dos leitores que a consumiam. Vamos entender melhor sobre esse assunto no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX

“Você não está prestando atenção!” disse o Camundongo severamente a Alice. “Em que está pensando?”

Alice no país das maravilhas – Lewis Carroll

Não podemos afirmar que o fato de Lewis Carroll ter sido professor foi fator determinante para que a educação fosse um dos pontos interessantes do seu livro. O que podemos dizer é que provavelmente Carroll escreveu sobre o comportamento observado na era vitoriana, onde o discurso moral era disseminado e as famílias consideradas respeitáveis deveriam seguir os princípios religiosos que envolviam virtudes. Essas virtudes para eles eram coisas ligadas a religiosidade, a retidão, e higiene e a fidelidade marital, dentre outras coisas. Aliás, mencionar que a personagem Alice foi inspirada em uma garotinha real por quem Carroll tinha especial apreço não é leviano e ocasional porque nos dá mais base para pensar sobre a infância naquela sociedade. Como vimos no capítulo anterior, a sociedade do século XIX (nos referimos a maioria das pessoas) não era questionadora. Em relação ao todo, poucas eram as mulheres que lutavam por seus direitos e os revolucionários ainda eram discretos. Graças à crescente do puritanismo, muitos ideais de educação e convívio foram criados. Essa postura extremamente conservadora que era apoiada sobre dogmas religiosos teve reflexo, principalmente na educação das crianças.

Neste período em que os avanços científicos ganharam força, surgiu, principalmente no meio acadêmico, uma necessidade de saber universal defendido pelos acadêmicos, que até certo ponto, brigava com os dogmas religiosos estabelecidos na época, já que defendia o materialismo. Mesmo entre os científicos e pessoas que usavam a ciência como base para questionar certos preceitos religiosos e promover o desenvolvimento, o peso da desaprovação divina em relação a moral ainda era muito presente e forte. Nesse respeito, alguns manuais foram desenvolvidos para **ajudar** (grifo nosso) na educação moral das crianças e dos jovens, bem como sobre diversos assuntos que envolviam conduta e conhecimento. Interessante notar que a literatura neste momento exercia um importante papel civilizatório e apesar de muitos como Lewis Carroll parecerem romper em parte com os padrões sociais na obra, repensar esses ideais excessivos e sem fundamento como não questionar, obedecer a qualquer custo, aceitar o autoritarismo como verdade ideal, parecia ser mais exceção do que a regra.

As críticas à sociedade ainda eram muitas vezes veladas pela ironia ou outro tipo de método que possibilitava o questionamento sobre esses ideais excessivos. Alguns escritores da época como Charles Dickens que viveu uma infância pobre e sem acesso à educação na Inglaterra, conheciam a realidade das problemáticas daquele tempo e podia com esmero escrever sobre elas. Quando menino vivenciou o trabalho infantil nas fábricas e toda a dimensão causada pelo crescimento industrial e a pobreza. Além de Dickens, outros autores escreveram sobre os problemas do período vitoriano, como mencionamos, Carroll com seu mundo de fantasias também usou a escrita para expor tais preceitos. William Makepeace Thackeray, que foi um escritor que usou de muita ironia para falar dos problemas vitorianos também se destacou entre esses autores. Mas apesar de escritores tão talentosos deixarem transparecer isso em suas obras, a grande maioria ainda escrevia sobre os padrões de morais aceitáveis para a família. Morais, 1999 nos explica um pouco sobre um gênero literário que em sua grande maioria corroborava com a educação moral:

Os arroubos de puritanismo eram marcantes especialmente na prosa vitoriana, notadamente nas “novels”, geralmente publicadas em fascículos, uma vez que eram lidas em voz alta para toda a família. Assim, os autores eram quase que impelidos a produzirem obras que servissem de exemplos edificantes de disciplina e moralidade.” (p.26)

Esse ideal de pureza e disciplina moral mencionados acima, acabou por instigar a intolerância e a rigidez, partindo principalmente do que era ensinado pelos chefes da religião anglicana dominante na Inglaterra naquela época, incluindo a Rainha Vitória. Por causa da rigidez aparentemente **justificada** (grifo nosso) o uso de punição como forma de educar e ensinar passou a se tornar apropriado em uma tentativa de prevalecer tais ideais. Os ditos e normas criados para a sociedade, poderiam parecer simples de ser seguidos, mas na verdade eram tão exigentes quanto se poderia.

A família que era símbolo do refúgio do homem de negócios, era na verdade aquela que mais menosprezava o papel da mulher na sociedade, exemplo disso, é que muitas mulheres/meninas não tinham acesso ao estudo, a vida pública era limitada e provavelmente muito pouco opinavam sobre assuntos considerados importantes para a comunidade. A mulher, na maioria dos casos, tinha um lugar cativo em relação a cobrança da moral, mas os homens eram os que obtinham o direito do intelecto. Interessante que o livro Alice no país das maravilhas em uma adaptação para os cinemas feita por Tim Burton, 2010 mostra Alice já como uma moça sendo obrigada a aceitar a mão de um jovem em casamento, sem que tenha o menor interesse em se casar. Alice quer assumir os negócios da família no lugar de seu falecido pai, mas brilhantemente o filme apontando a visão comum no século XIX em que as mulheres, em sua grande maioria, eram dadas em casamento e incentivadas aos afazeres do lar simplesmente. Interessante é como essa adaptação lança luz ao pré-conceito da sociedade dos séculos anteriores em relação a Alice assumir um **papel destinado aos homens** (grifo nosso). A trama então se desenrola com Alice retornando, depois de anos, ao país das maravilhas em busca de coragem para vencer suas inseguranças frente as imposições da sociedade.

É também válido ressaltar, quando falamos sobre educação, que nessa análise estamos falando de educação em sentido amplo, ou seja, educação institucional, familiar e literária. Consideramos tais preceitos em conjunto, pois havia naquela época uma tendência a influência dessas formações umas sobre as outras. Assim como retratado no filme, quase todas as crianças, principalmente meninas, eram treinadas desde cedo a não opinar ou se envolver em assuntos que **não lhe cabiam** e isso ia sendo mantido em todas as áreas da sociedade conforme ela crescia.

Harriet Martineau em uma publicação sobre a educação no século XIX mencionou pensamentos que existiam no século XIX em relação as meninas e sua educação. Alguns desses pensamentos eram relacionados as mulheres negligenciarem seus deveres e afazeres femininos em detrimento a busca do conhecimento. Martineau também nos menciona que muitas mulheres seguiam sendo desprestigiadas em relação ao conhecimento em comparação com os homens, além de terem a “tendência a devaneios”. Esses pensamentos não eram compartilhados por Martineau e por algumas feministas da época, já que esses acreditavam que as mulheres poderiam ser melhores parceiras no matrimônio se recebessem uma melhor educação. Morais, 1999 fala sobre isso:

Harriet Martineau acreditava que, sendo bem-educadas, as mulheres poderiam ser companheiras dos homens de forma mais plena, ao invés de desempenharem papéis meramente decorativos. Num século em que se acreditava na inferioridade natural das mulheres, em que cientistas realizavam estudos de antropometria e craniometria para demonstrarem cientificamente essa condição de inferioridade intelectual, às mulheres cabia um tipo de instrução que reforçasse o seu caráter frágil, de bordadeiras e organizadoras das tarefas do lar. (MORAIS, 1999. Pg.79)

O período vitoriano foi uma época que a educação dada as mulheres era basicamente uma educação do lar, voltada para fazer bons bordados, serem esposas e mães exemplares. A visão, que não era a única, mas era a mais comum entre os homens vitorianos era que o conhecimento somente seria uma fonte de distração dada as que não tinha capacidade de suportá-lo. Assim, o papel da mulher na sociedade, quando falamos de educação, era basicamente inexistente, já que a educação ao qual tinham acesso era bastante limitada. A série *The Crown* que foi produzida baseada na vida da Rainha inglesa Elizabeth II sugerem inclusive que a rainha, ainda viva e reinando, recebeu uma educação bem básica quando jovem, se resumindo a aulas de música, idioma e leis constitucionais tão somente, mesmo depois de saber que um dia poderia ser rainha. Isso nos aponta que mesmo depois de décadas, esses pensamentos continuaram resistindo ao tempo e modernidade. Nem mesmo a realeza (feminina), neste caso específico, pareceu escapar dessa concepção presa a uma tradição moralista exacerbada. Para a sociedade vitoriana, a educação feminina deveria se diferenciar da masculina devido a **incapacidade natural** que à época se acreditava presente na mulher. Como vimos a

crença nessa inferioridade “natural” era motivo de estudo para muitos intelectuais e isso se refletia nas diversas áreas da sociedade. Na educação não foi diferente. Além da educação feminina, salvo poucas exceções, existia outra classe na sociedade que foi muito prejudicada.

No ambiente escolar, nas áreas mais pobres um dos sistemas implementados foi o Sistema Monitorial de Ensino, esse tipo de método de ensino mostrava um certo descompasso entre um ideal de educação e os interesses do sistema-político que vigorava na época. Com o avanço industrial, mais mão de obra foi necessária e a pobreza que antes se mantinha mais presente no interior passou a migrar para as cidades. Para essas famílias, a educação escolar era extremamente cara e inacessível, assim foi necessária a criação de novos tipos de escola que atendessem a esse público que era presente em grande massa nessa sociedade de novos trabalhadores. Morais 1999, nos explica como funcionava esse sistema:

Os professores desta instituição eram extremamente limitados e mal pagos, de modo que Bell teve a idéia de selecionar os alunos mais inteligentes para ensinar os mais novos. Após obter sucesso com seu novo método de ensino, Bell retornou à Inglaterra e publicou *An Experiment in Education* com o propósito de divulgar o êxito de sua experiência. Nesta época, Joseph Lancaster, educador e religioso quaker, entra em contato com o texto de Andrew Bell. Lancaster tinha como objetivo proporcionar educação gratuita aos pobres; abriu uma escola em frente a qual podia-se ler em um grande letreiro: “All who will may send their children and have them educated freely, and those who do not wish to have education for nothing may pay for it if they please” (“Todos os que desejarem devem enviar suas crianças e as terão instruídas gratuitamente, e aqueles que não desejarem tal gratuidade poderão pagar pela instrução se desejarem”). Como a maior parte das crianças que o procuravam não tinha condições de contribuir com qualquer tipo de pagamento, apesar da grande popularidade de sua escola, Lancaster encontrou grande dificuldade em empregar professores. Deste modo, a proposta de Bell pareceu-lhe absolutamente oportuna, e veio a ser implantada em sua escola com algumas adaptações e levando o nome de Monitorial System. (MORAIS, 1999, p.69)

No trecho acima vemos que os principais responsáveis por essa educação gratuita eram os religiosos, isso não nos espanta já que a religião tinha um importante papel na sociedade. Em outro momento analisamos a responsabilidade que o clero teve por disseminar os dogmas religiosos que regiam todo comportamento da sociedade vitoriana. Não é então de se admirar que em relação a escola fosse diferente. As

instituições escolares do século XIX, quase em sua totalidade, eram de alguma forma ligadas a igreja. A educação proposta por esses religiosos visava responsabilizar essas crianças pobres para que pudessem ser bons trabalhadores no futuro, e para que esse acesso fosse possível graças ao seu baixo custo.

Essa educação proposta, contava com o auxílio de premiações e punições para que tivessem eficácia. As punições eram humilhantes e maldosas, muitas crianças que tinham seu **fracasso** comprovado usavam chapéus com orelhas de burro, eram humilhadas verbalmente ou fisicamente. As punições iam ainda mais longe se o aluno cometesse faltas em relação a horários, ausências ou coisas parecidas. Os alunos poderiam sofrer castigos severos como lemos:

No que se refere à disciplina, o rigor da punição era ainda mais severo. Faltas como: mentir, chegar atrasado, ir à escola sujo, ausência aos cultos da igreja, desobediência etc., incluíam como punição confinamento em armários, mãos atadas nas costas, serem lavados em frente à escola, ou mesmo expulsão. (MORAIS, 1999. Pg.70)

Esse é só um dos exemplos de modelo escolar que existia no século XIX, muitos outros também faziam parte do sistema da época. Existiam diversos tipos de escola voltados para os alunos mais carentes, algumas com foco no ensino religioso, outras no ensino comercial e algumas semelhantes a instituições de ensino com voluntários. Algumas meninas tinham oportunidade de estudar em colégios para garotas (sendo essas escolas muito poucas e com risco de fechamento) ou mesmo com tutores e governantas, caso a família tivesse essa possibilidade. Instituições com doações da caridade e algumas com apoio governamental também faziam parte desse cenário escolar.

A chamadas “Public schools” também eram parte integrante desse cenário, mas não eram escolas para alunos carentes, essas instituições eram pagas e visavam principalmente a educação relacionada ao mundo dos negócios. Vemos que foi um século com muitos meios de ensino, mas notoriamente os que os unem de alguma forma são seus métodos de ensino com base na repetição, na aprendizagem mecânica e na severidade. As crianças tinham de decorar todo o conteúdo e eram frequentemente

testadas a reproduzi-lo. Não deve nos surpreender que Alice recite de memória tantos poemas e versos e que se mostre frustrada por confundir-se ou não lembrar algum deles. Podemos ver isso em um trecho do livro:

Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, está tudo errado, eu sei! Devo ter sido trocada pela Mabel! Vou tentar recitar ‘Como pode...’”, e de mãos cruzadas no colo, como se estivesse dando lição, começou a recitar, mas sua voz soava rouca e estranha e as palavras não vieram como costumavam: Como pode o crocodilo.... (CARROLL, 2009. P.26)

No decorrer do livro vemos vários exemplos desse comportamento aflitivo da personagem Alice ao recitar e muitas vezes se punindo ou se comparando com alunas consideradas burras ou que pouco sabem na visão dos adultos. A postura de Alice ao recitar também nos mostra um comportamento muito específico das crianças expostas a esse tipo de educação severa na escola. Não é difícil entendermos ao ver fotografias do mundo todo das crianças na escola no século XIX. A maioria das crianças era educada de forma a poder ser cobrada como um adulto e não fazer com que a família passasse vergonha em público. Podemos ver um trecho do comportamento de Alice em relação a essa cobrança no livro Alice no país das maravilhas:

“Não consegue se lembrar de que coisas?” perguntou a Lagarta. “Bem, tentei recitar ‘Como pode a abelhinha atarefada’, mas saiu tudo diferente!” Alice respondeu com voz tristonha. “Recite ‘Está velho, Pai William’”, disse a Lagarta. Alice juntou as mãos e começou: “Está velho, Pai William”, disse o moço admirado. (CARROLL, 2009.p.58)

A educação vinda da criança era cobrada com base no que a família definia como ideal a ser por ela assumido. Uma criança educada era sinônimo de uma família moralmente íntegra, já que se presumia que o exemplo dos pais era imprescindível para uma boa educação familiar. Por isso, era de se esperar que as crianças fossem tratadas com muita rigidez e disciplinadas com rigor. As crianças, falamos aqui de uma grande

maioria, diferente do que era pregado como respeito pelos pais e mestres, agiam frequentemente pelo medo das pessoas que as educavam, afinal como vimos, as punições vinham sem piedade. Alice no país das maravilhas não nos passa uma visão muito diferente dessa realidade. O coelho branco talvez seja um grande exemplo de alguém que vive com medo da punição da Rainha (que aparenta ser uma superior). Se considerarmos o capítulo ‘Porco e Pimenta’, podemos ver claramente como a Duquesa disciplina seu bebê, nesse caso, ainda de colo. Os versos da música de dormir que aparecem na canção de ninar da Duquesa são de arrepiar qualquer criança: *“Fale grosso com seu bebezinho, E espanque-o quando espirrar: Porque ele é bem malandrinho, Só faz para azucrinar”* (CARROLL p.73). O bebê que se torna um porco também é censurado pela própria Alice por grunhir, por não ser nada apropriado essa forma de expressão. Quando Alice se dá por vencida de que a criança agora já se trata de um porco, menciona crianças que conhecia que se que dariam muito melhor como porcos do que como crianças.

A realidade vista na sociedade vitoriana se assemelha muito a um país que pode nada ter a ver com maravilhas, mas a forma desajeitada que os personagens aparecem na trama possibilitam Alice lidar com aquelas situações mais ativamente do que vendada pelo medo e frustrações de sua vida real, afinal, a punição podia ser uma das únicas certezas de algumas criança daquela época, já que em algum momento elas provavelmente seriam punidas.

2.1 Educação e a literatura

Apesar da educação, em muitos casos ser severa ou mecânica, a literatura infantil (neste caso nos referimos aos livros direcionados a infância) lúdica tomava um espaço muito interessante naquele meio. Existiam maneiras diferentes de educar, mesmo quando falamos de aspectos morais.

A literatura infantil teve um papel muito interessante naquela época. Nós encontramos desde livros com lições de moral como *João felpudo*, do Dr. Heinrich

Hoffmann que é a história de um menino pobre que não tinha hábitos de higiene e não conseguia amigos por isso e que vê sua vida mudar depois que toma banho e se limpa completamente. Também podemos mencionar o poema *A Morsa e o Carpinteiro*, citado em Alice no através do espelho, que conta a história de uma morsa e um carpinteiro que convidam ostrinhas para passear e por não obedecerem e seguirem estranhos, acabaram sendo comidas. Essas histórias que se apresentam de forma lúdica aplicam também uma punição moral para aqueles que não servem os preceitos corretos como padrão moral. A história do João felpudo, por exemplo, até hoje é discutida em blogs e fóruns como “uma história que ajudou a formar a minha moral”. Outra história interessante que até hoje toma espaço na cena mundial é o clássico *A Bela e a Fera* escrito originalmente por Gabrielle-Suzanne Barbot em 1740 e depois adaptado e reescrito por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont. Essa história conta sobre a vida de um príncipe que foi castigado por uma feiticeira má e este se torna uma fera até que aprenda a amar. A protagonista por sua vez é doce e coloca os interesses de outros a frente dos seus. Para salvar seu pai, um mercador, da Fera, ela decide se colocar no lugar dele como prisioneira depois que seu pai tenta roubar uma rosa do jardim do Castelo. Bela se apaixona pela Fera e ao declarar seu amor pela besta a Fera tem seu encanto quebrado. As irmãs de Bela que era meninas supérfluas e invejosas acabam tendo que ver a menina humilde se tornar princesa enquanto elas continuam pobres.

Essas histórias mencionadas, assim como muitas outras, mostravam como a educação também podia ter um aspecto lúdico mesmo em um período marcado por meios educacionais seculares mais duros. Falamos anteriormente sobre como a maioria das pessoas naquele então, pareciam não se questionar sobre as ironias do modo de vida da era vitoriana, mas também é verdade que a literatura teve um importante aspecto nesse sentido. Lewis Carroll foi um dos nomes importantes da literatura infantil por usar o lúdico, mas também por questionar alguns dos muitos padrões que já mencionamos anteriormente. A história da Morsa e do Carpinteiro que aparece em Alice através do espelho é especialmente interessante só pelo fato de estar ali. Alice se questiona quanto a quem dos dois, o Carpinteiro ou a Morsa, teria tido a atitude mais aceitável moralmente, já que a Morsa comeu mais ostrinhas, mas também foi a que sentiu mais remorso. Alice, assim como no primeiro livro, no país das maravilhas, em muitos aspectos cai em contradição sobre sua própria verdade. A maiêutica, método socrático

que visa, através de perguntas, levar o interlocutor a encontrar a própria verdade, é muito empregada dos livros de Carroll e nesse caso não é diferente.

Além de Carroll, outros nomes como Jane Austen, Emily Brontë e muitos outros também escreveram sobre as ironias dos costumes sociais da Inglaterra naquele período. Não apenas isso, a literatura além de um lugar social e educacional importante, também era uma fonte de lazer para as pessoas.

Ainda que muitos escritores e escritoras pudessem dar luz a certas tendências da sociedade puritana e burguesa, os dogmas religiosos pareciam ainda ter um lugar muito intenso no descolorir da sociedade. Interessante que Foucault em seu livro *A Ordem do discurso*, mencionando sobre discursos de poder, aponta a disciplina e o sistema educacional como princípios de controle e de produção dos discursos. Apesar de a educação ser um meio de apresentar os tipos de discurso ela também se torna o meio de controlá-los, é politicamente falando, uma maneira fácil para se apropriar e modificar dos discursos e qualquer poder que possa vir disso. Assim, tendo a sociedade mantida sob controle através da educação, os discursos que poderiam contradizer as verdades dos poderosos ficam a favor deles. Por isso, podemos dizer que a verdade, que mencionamos na maiêutica, acaba sendo relativa à sua época. A verdade de cada sujeito expressa através dos discursos são ligadas ao que se faz acreditar através dos discursos de poder. Não é de se admirar então que a Rainha de copas de Carroll tenha mais eficácia no grito “cortem-lhe a cabeça” do que sua vontade sendo realmente realizada.

Podemos concluir então que a “*educação moral valeu-se grandemente da importância e credibilidade dos escritores*” (MORAIS, 1999. Pág. 91), mas muitos escritores também souberam usar as ferramentas textuais disponíveis para mandar seu recado para a sociedade. Assim sendo, a literatura ocupou um lugar importantíssimo para vários aspectos sociais. A educação do século XIX aproveitou-se desse lugar que a literatura ocupava com o lúdico, a identificação emocional e a imaginação na educação para tentar formar futuros adultos com os seus conceitos de virtude religiosamente fundamentados. Ao mesmo tempo, os escritores usavam o mesmo mecanismo para fazer pensar a sociedade sobre o lugar crítico que cada um deles ocupava nesse contexto moral ironicamente setorizado. Além disso, através da literatura temos possibilidade de fazer uma análise da sociedade, das relações sociais e culturais das épocas. Chegamos

então a um momento interessante: como o livro *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carrol desempenhou esse papel crítico? Vamos entender.

CAPÍTULO III

ALICE NO PAÍS SEM MARAVILHAS

“Bem, eu mal acabara a primeira estrofe”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha deu um pulo e berrou: ‘Ele está assassinando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!’”

“Terrivelmente cruel!” exclamou Alice.

Alice no País das Maravilhas – Lewis Carroll

Nos capítulos anteriores dessa análise mencionamos brevemente sobre quem foi Lewis Carroll, mas gostaríamos de falar um pouco mais sobre esse brilhante escritor antes de começar analisar mais profundamente o livro *Alice no país das Maravilhas*.

Lewis Carroll era apenas um pseudônimo para Charles Lutwidge Dodgson que nasceu na cidade de Daresbury na Inglaterra no ano de 1832. O que sabemos de sua família é que Carroll tinha 10 irmãos e irmãs e seu pai era um religioso. Carroll recebeu desde bem jovem uma educação voltada a religiosidade, já que seu pai almejava que ele seguisse o mesmo caminho que ele. Mas Carroll acabou por se tornar um matemático talentoso e professor da Universidade de Oxford após se formar. Exerceu a profissão de professor até o fim de sua vida, mas se tornou conhecido como escritor pelos livros *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho*, além de alguns poemas. Carroll nunca se casou e foi envolvido em muitas polêmicas em relação ao seu interesse pelas crianças do sexo feminino. Exerceu a fotografia e foi muito procurado para fotografar crianças, inclusive em ensaios de nudez, autorizado pelos pais. Graças a muitos desses ensaios, trocou correspondências com muitas meninas, as quais, tinha

especial apreço. Uma dessas meninas foi Alice, filha de um amigo da universidade de Oxford, em quem se inspirou e presenteou os livros que levam o seu nome.

3.1 Alice no país das Maravilhas

O livro Alice no País das Maravilhas conta a história de uma menininha inglesa que certa tarde ao cochilar durante a leitura de um livro acorda ao ver um coelho branco de colete e relógio que se demonstra bem apressado. Ao seguir o coelho, Alice cai em um buraco muito profundo e vai parar em um país de maravilhas. Ali ela conhece vários personagens enquanto tenta encontrar o coelho de colete. O país é cheio de fantasias e adivinhações. Alice cresce e diminui de tamanho muitas vezes, graças a líquidos e cogumelos mágicos que encontra no jardim. Conhece personagens que aparecem e desaparecem, um chapeleiro maluco que é brigado com o tempo e vive em uma eterna hora do chá, uma lagarta que filosofa e fuma narguilé, cartas de baralho e uma Rainha de Copas bem autoritária. Nesse país cheio de fantasias, Alice muda e “desmuda” de opinião, conhece histórias e joga croqui com animais engraçados que na verdade, não respeitam regra nenhuma. No final da história Alice participa de um tribunal, mas antes mesmo de acabar, Alice acorda e conclui que tudo não deve ter se passado de um sonho muito maluco.

A obra mencionada, à primeira vista pode parecer um livro com uma história maluca e sem sentido, mas na realidade é um livro muito significativo e cheio de nuances. Não é de se estranhar que a obra de Lewis Carroll tenha conquistado gerações e seja um livro usado no mundo todo como estudo de diversas áreas. A história é cheia de poesias, jogos matemáticos, adivinhações, ironias em sua linguagem e atende diversas interpretações e elementos intrigantes para pesquisadores de literatura, matemáticos, estudiosos da sociologia, psicólogos, educadores dentre muitos outros.

O título já se mostra como o primeiro elemento interessante do livro. O tema **país das maravilhas** é um tanto irônico e questionável. Quando lemos a história, percebemos que para Alice o país não parece ser um lugar muito maravilhoso. Uma Rainha que executa seus súditos sem pensar duas vezes e é extremamente autoritária, coisas que parecem não fazer sentido algum, crescer e diminuir a cada mordida, um

mundo que tinha uma aparência maravilhosa, mas apresentava inúmeros problemas. Esse país da falta de maravilhas podia ser uma representação muito convincente da Inglaterra vitoriana. Falamos tanto da obra de Carroll ter de forma expressiva recorte e representatividade da sociedade vitoriana que não cabe dúvidas que o país das maravilhas nada mais era que tenebroso.

Por outro lado, é interessante pensar que o título dessa obra também nos instiga. Há um tom dubio, pois pode se entender que poder repensar uma sociedade claustrofóbica, principalmente para as crianças, sobre uma ótica fantástica de fato era maravilhoso. Alice projetou muitas de suas frustrações nos personagens daquele lugar e parece que quando a protagonista age sob uma perspectiva de reprodução dessas lógicas sociais, ela tornar-se uma pessoa questionável para os habitantes daquele lugar. Mencionamos a maiêutica no capítulo anterior e Alice a todo tempo é levada a se questionar sobre o que ela acredita ser a verdade, a ponto de se perguntar se ela sabe que realmente ela é.

Alice, em poucos momentos, não se mostra questionadora em relação as suas ações, mas ao mesmo tempo questiona toda hora a realidade do país das maravilhas e por esse motivo, se irrita com muito dos personagens e eles também não se mostram muito amorosos com ela. O regime que aquelas pessoas parecem viver, é um regime conformista em relação ao autoritarismo e normas ditadas pela Rainha. O discurso de dominação de poder que Foucault estuda em *A Ordem do Discurso* é passível de ser entendido quando analisamos a forma como as crianças deveriam decorar os poemas. Vírgula por vírgula se regula o pensamento e o discurso. As pessoas se apagavam a essas tarefas e recursos sem valor enquanto coisas importantes e que deveriam ser de séria preocupação eram ignoradas nessa sociedade alienada. Carroll usa muitas vezes os personagens para questionar Alice sobre esses poemas não estarem certos. Alice se desentende com a maioria dos personagens, discursões engraçadas, mas com muita audácia para uma criança inglesa criada em uma sociedade rígida pelas regras e o puritanismo. Lewis Carroll realmente mostra na protagonista uma revolução da infância. Alice sempre que parecia expor suas ideias acabava por deixar um dos personagens magoados ou por parecer grosseira, mesmo usando de polidez. Uma dessas discussões que chama a atenção no livro, é a discussão com o Camundongo:

“Peço desculpa”, disse Alice, muito humilde. “Nós tínhamos cegado à quinta volta, não é?”

“Nós, não!” gritou o Camundongo, muito brusco e zangado.

“Nós!” exclamou Alice, sempre prestativa, olhando ansiosa ao seu redor. “Oh, deixe-me ajudar a desatá-los!”

“Não vou fazer nada disso”, disse o Camundongo pondo-se de pé e se afastando. “Você me insulta falando tanto disparate!”

“Foi sem querer!” protestou a pobre Alice.” Mas como você se ofende à toa!”

A resposta do Camundongo foi só um resmungo. (CARROLL, 2009 Pg.40)

Nesse diálogo podemos ver com clareza o que mencionamos sobre o dilema de Alice com os personagens que encontra. O Camundongo age de forma dura e ignorante com Alice simplesmente por achar que ela não está prestando atenção nele. Mas o Camundongo não é o único personagem que Alice discorda. O Lacaio que Alice conhece antes de entrar na casa da Duquesa também é um personagem que Alice demonstra impaciência. Por muitas vezes, ela pergunta como entrar na casa da Duquesa e tudo o que o Lacaio faz é mostrar uma alienação e apatia diante do alvoroço que acontece na casa. A observação de Alice “*como todas as criaturas brigam. É de levar a gente à loucura!*” (CARROLL, 2009. Pg.69) não nos deixa dúvidas sobre o incomodo em conhecer personagens tão conformados e pouco preocupados em viver naquela realidade.

A figura da Duquesa também é muito curiosa. Uma pessoa de título de nobreza que estava mais preocupada em jogar croqui com a Rainha do que em acalmar o seu bebê. As prioridades da nobreza, como muitas vezes mostra a história, está mais ligada ao título e a aparência que envolve tê-lo do que de fato a família, mesmo que a nobreza pregue representação de uma família ideal e isso não é apenas representado nesse capítulo, mais adiante Alice volta a encontrar a Duquesa que está na prisão da Rainha, aparentemente sem motivo para isso. Interessante também a reação da criada que permanece calada durante toda a cena da cozinha do capítulo ‘Porco e Pimenta’, mas quando a Duquesa se vira de costas, ela tenta arremessar uma frigideira nela. Do mesmo

jeito que a Rainha dá as ordens e é temida no país das maravilhas, mas em contrapartida não tem sua vontade prevalecida, a Duquesa também mostrasse temível na sua presença, mas é odiada e pouco respeitada entre as pessoas que a cercando diz que Alice não tem o direito de pensar. Além disso mostra o mesmo pensamento de satisfação da sociedade alienada e sobre controle da Rainha. Esse capítulo em especial tem muitos elementos interessantes, infelizmente não é possível mencionar todos, mas outro personagem que aparece e gostaríamos de mencionar é a descrição do Gato Cheshire, um gato que sorri todo tempo. Alice questiona o gato está sorrindo e a Duquesa afirma que a pobrezinha não sabe de muita coisa. O mundo parece desabar na cozinha da Duquesa, mas o gato permanece com o sorriso de orelha a orelha. Essa cena nos faz pensar na representação social da época vitoriana. Os nobres ditavam um modelo que nem mesmo eles seguiam e a sociedade vivia em total ironia por aparentar a família perfeita, mesmo vendo tudo ao redor ir muito mal. A pobreza e a desigualdade crescem em grande escala, mas a sociedade permanecia como o Gato Cheshire com a aparência de conforto e contentamento, mas Alice não parece se ajustar aquilo ali.

Um dos diálogos mais interessantes do livro é a conversa de Alice com a lagarta Absolem. A lagarta demonstrava pouco interesse em Alice ou em qualquer coisa. A apatia de Absolem levou a um diálogo interessante que se inicia com a pergunta “*quem é você?*” e o que se segue é um diálogo sem muita pressa por parte da lagarta e com muita impaciência de Alice. Absolem se mostrar uma criatura intrigante, sem dar uma única informação sobre si. Alice por muitas vezes argumenta uma confusão interna sobre quem se é devido as mudanças desde que entrara no país, mas Absolem não parece concordar com nada do que Alice utiliza como resposta. Ao que a lagarta deixa transparecer, o que ela tem a dizer é muito mais importante do que o que Alice diz, mesmo que na maior parte do tempo não fale mais do que uma frase. Uma das falas mais impactantes é seu conselho a menina para que ela se controle, quando a menina se irrita com a lagarta. O diálogo ainda aparenta ter várias camadas. Quando parece que Alice está falando sobre mudanças físicas, Absolem nos dá a entender sobre atitudes, quando Absolem faz perguntas sobre mudanças físicas, Alice responde nos dando margens para as mudanças internas. Da pergunta inicial “*quem é você?*” às falas finais como “*Está satisfeita agora?*”, nós viajamos nas camadas interpretativas do texto. Intriga esse capítulo! Absolem parece representar características muito próprias dos adultos em relação as crianças de uma sociedade rígida, como a falta de interesse

pela curiosidade natural infantil, o desdém pelas mudanças e as descobertas infantis, a despreocupação em relação a clareza, a exigência de autocontrole em relação às crianças e a conformidade com a situação em que vive, a ordem rígida e principalmente a crença de que qualquer um tem muito mais a dizer do que uma criança, mesmo isso não sendo uma verdade.

Mas a rigidez não tem lugar no livro só nesse capítulo. O capítulo ‘O campo de croqué da Rainha’ e o que se segue a ele ‘A história da Tartaruga Falsa’ nos apresenta elementos imprescindíveis para a nossa análise da obra ressaltando as características da sociedade do período vitoriano. Logo ao conhecer a Rainha, Alice se demonstra corajosa e audaciosa por responder a Rainha de modo rude. Para uma criança vitoriana responder um adulto já parecia inimaginável, mas ser grosseira com uma rainha era algo inconcebível. A Rainha furiosa mandou que Alice fosse decapitada, mas a vontade da Rainha não prevaleceu e logo direcionou sua fúria para as cartas de baralho que haviam pintado as rosas. Os argumentos para essa atitude da Rainha de sempre gritar “Contem-lhe a cabeça” é justificada em uma fala posterior: *“A Rainha só tinha uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas. “Cortem-lhe a cabeça!” ordenou, sem pestanejar.”* (CARROLL, 2009. Pg. 101). Essa passagem revela que assim como a Rainha Vitória, a Rainha de Copas não tinha poder ou meios para efetivamente toar qualquer decisão importante e relevante no país. A figura da Rainha servia simplesmente como modelo de reverência, moral e autoridade esteticamente. Outro exemplo disso é a fala do Grifo para Alice durante o jogo de croqui: *““Que engraçado!” “Onde está a graça?” perguntou Alice. “Ora, nela” disse o Grifo. “É tudo fantasia dela: nunca executam ninguém. Vamos!””* (CARROLL, 2009 pg109).

Depois do desastroso jogo, ditado pela falta de regras, Alice é intimada a conhecer uma personagem chamada a Tartaruga Falsa. Essa tartaruga narra à Alice a sua história educacional e mal começa a narrar já humilhando Alice por suas *“perguntas simples”*. Quando começa a mencionar sobre o ensino regular que recebeu, a Tartaruga menciona matérias de *“Lectura e Estrita” “Aritimética: Ambição, Subversão, Desembelezação e Distração”* complementando que recebeu a melhor educação. Vimos no capítulo anterior sobre a educação que era dada e estimulada nas crianças na era vitoriana. A descrição e palavras usadas pela Tartaruga Falsa revelam com clareza como aquela educação era voltada para a alienação e o não desenvolvimento crítico dos leitores. As crianças eram treinadas para não questionar e menos ainda para

desenvolveram para si um padrão diferente para aquela sociedade. Tudo aquilo tornava a sociedade vitoriana “*desembelezada*” e “*Estrita*” com todo o sentido que essas palavras nos ajudam a pensar. Esse senso de obediência imposto era realmente de controle total. “*Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.* (FOUCAULT, 1996. pg.44). Podemos dizer que se tratava quase de uma adestração das crianças através dos ensinamentos e métodos da escola. Essa comparação não é mera coincidência, Tartaruga Falsa chega a mencionar um professor que ensinava “*Latido*” e “*Emprego*”.

Ao final do livro, Alice desperta como em um sonho fantástico e volta à realidade que conhece. Alice conta à irmã todas as suas aventuras no em um país com seres fantásticos e exóticos. A irmã então passa a imaginar como aquela realidade do País das Maravilhas poderia se transformar na realidade da vida e como Alice poderia conservar consigo as histórias e o imaginário que um dia encantaria outras crianças se mantivesse “o coração simples e amoroso da infância”.

A obra de Carroll conclui com um olhar próprio de quem entendia a infância, mesmo em uma época a preocupação com ela era de pouca. O uso do nonsense e do fantástico na obra de Carroll é uma característica que conversa perfeitamente com o imaginário infantil e por esse motivo precisamos entender como esse recurso foi usado por ele.

3.2 O Nonsense nas obras de Carroll

As obras de Carroll foram conhecidas pelo uso do fantástico e o nonsense. Carroll foi considerado um dos pais desse gênero literário na Inglaterra no período vitoriano. Juliana Radaelli (2012) menciona que além de ser um dos principais representantes do nonsense, Carroll ajudou a ampliar o “significado dessa palavra” possibilitando assim uma impossibilidade de definição limitada. Ainda que não consigamos precisar o que significa o nonsense, podemos dar luz a algumas de suas características dentro do texto de Carroll.

Myriam Ávila(1996), estudiosa brasileira do gênero, assegura que a especificidade do texto nonsense “[...] *reside em algo que deixa o leitor suspenso entre o riso e a perplexidade, entre a estranheza e a identificação, como se aquilo ao mesmo tempo lhe dissesse respeito e não dissesse respeito a coisa alguma.*”(p.203). A falta de ancoragem e de ponto de referência é onde se instaura a dúvida que constitui o núcleo do *nonsense* e, nesse sentido, ou falta dele, Lewis Carroll foi exemplar. (RADAELLI, 2012 pg.51)

Como vemos na citação acima, Radaelli (2012) nos aponta que a aparente falta de sentido que rege a obra, mas, não por acaso, a identificação do leitor em relação a estranheza, aponta para um texto com várias camadas. A narrativa que parece não ter sentido algum, na verdade, faz todo o sentido quando eu “sobreponho” um sentido ao absurdo. A existência de uma estrutura por detrás da falta de sentido aparente, permite que Carroll brinque com temas sérios, como a realidade vitoriana que mencionamos anteriormente. A obra ‘Alice no País das Maravilhas’ passa longe do despropósito e por esse motivo, no decorrer da história, tantos estudiosos buscaram em Carroll explicações sobre diversos temas, desde a psicanálise a uma lição moral.

Um gato que desaparece, um chapeleiro maluco, poemas infantis, sobreposição de palavras, pensamentos e situações, com lógicas, sem lógica, são apenas alguns exemplos do uso do fantástico mais que intencional de Carroll, instaurando a dúvida. Segundo Juliana Radaelli (2012), muitas dos personagens carrollianos são referências de criações locais como: contos, poemas e expressões. Ela menciona:

[...] à guisa de exemplo: O gato de Cheshire refere-se à expressão “Grin like a Cheshire cat” (Arreganhar os dentes como um gato de Cheshire), além de que os queijos do condado de Cheshire tinham a forma de um gato sorridente. A Lebre de Março refere-se à expressão “As mad as a march hare” (tão louco quanto a lebre de março), pelo fato de ser março o mês em que as lebres entram no cio e ficam excitadas. O Chapeleiro é louco por causa do mercúrio, uma substância alucinógena que é usada na fabricação dos chapéus. A falsa Tartaruga refere-se à sopa de falsa Tartaruga, já que é uma sopa feita de carne de vitela. Humpty-Dumpty e os irmãos Tweedledum e Twendledee são personagens de nursery-rhymes e de contos tradicionais. (RADAELLI, 2012. Pg 52)

Além dos personagens, vários outros elementos do texto de Carroll, como a linguagem, uso de palavras derivadas, os poemas e histórias mencionadas, dentro outras

coisas, trouxeram ao livro de Carroll um representativo da sociedade e os problemas dela sem censuras e um imaginativo simbólico. A personagem Alice que qualquer tabu social e traz consigo um pensamento crítico ao leitor, construindo *“uma ponte entre o real que parece, quebrando o sentido e a cultura, o qual tende a construir saberes herméticos.”* (RADAELLI,2012)

Não é apenas o leitor que passa pelo processo de intervenção através do fantástico de Carroll. Alice também mostrasse afetada diretamente com o fantástico e passa a questionar-se continuamente. Alice enfrenta seus medos ao projetar e passar pelo país que na verdade nada tem de maravilhoso a não ser sua falta de lógica aparente.

Para finalizar, Carroll nos traz um final maravilhoso: *“Ah, tive um sonho tão curioso!”* é a última fala de Alice no livro. A literatura nonsense, como a de Carroll, nos permite viver a fantasia muito interligada a realidade, assim como os sonhos. Em geral, não podemos escolher melhor maneira de descrever o nonsense de Carroll do que um subconsciente escrevendo nossas realidades sonhadas em um papel. Aliás, não é à toa que a psicanálise vê nos sonhos uma maneira de estudar a realidade, Segundo Freud, os sonhos constituem *“uma realização (disfarçada) de um desejo (reprimido)”*.

CONCLUSÃO

Com esse estudo que teve como objetivo analisar a obra de *Alice no País das Maravilhas*, refletindo através dela também sobre o pensamento histórico em relação a conceitos como família, criança e sentimento de infância, principalmente no período do reinado da Rainha Vitória, refletimos sobre a obra de Lewis Carroll e o modo como representa artisticamente a sociedade daquela época. Concluímos *que Alice no País das Maravilhas* é mais do que uma obra literária somente com funções de divertir e entreter; o livro é uma fonte de informação e de formação de pensamento crítico, que foi importante para um período em que a criança não tinha voz e que ainda nos ajuda a pensar como a infância pode ser afetada pela exigência de padrões de comportamento insanos e desmedidos.

Não temos aqui o objetivo de fazer uma crítica a um período da história e nem ao pensamento predominante dele, mas de fazer pensar sobre a educação hoje nas escolas regulares e na sociedade de forma geral e ainda sobre a possibilidade de formação e transformação da sociedade através da educação escolar e familiar recebida pelas crianças. Temos a convicção que se quisermos alunos, filhos e uma sociedade capaz de pensar e questionar por si mesma, de desenvolver a autonomia e a identidade, precisamos hoje dar abertura para as crianças e educá-las de forma a não reproduzir o nosso comportamento. A desigualdade em relação as pessoas da nossa sociedade não deve ser um modo falido de entender a educação. Entendemos que esse primeiro olhar sobre a infância deve começar na família e na escola e é possível que esses, que serão os adultos de amanhã, sejam construídos pouco a pouco e não percam a curiosidade instintiva e a criatividade das crianças. A literatura de Carroll e de muitos outros nos ajuda a ter um norte para nos guiar e podem servir como instrumento do ‘fazer pensar’. Que livros como *Alice no país das Maravilhas* possam ajudar muitas crianças e adultos a usar o fantástico e o imaginário para ensinar e encantar. Se há algo que prendemos com a história é que ensinar com severidade não produz crianças mais inteligentes e interessantes e que o medo não é respeito. O maior meio de resolver problemas é a nossa capacidade de imaginar soluções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaskman. – 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1986
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARMO, Arguinaldo Adolfo. **Considerações sobre o fantástico na literatura**. Revista do Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso V.06, N. 1 . Janeiro- julho 2015. UNINCOR
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. 2ª ed. São Paulo: Objetivo, 2000
- CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que alice encontrou por lá/** Lewis Carroll; inclui ilustrações originais de John Tenniel; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar,2009.
- CHARTIER, Anne-Marie; CLESSE, Christiane;HERBRARD, Jean . **Dos livros e os jornais**. In:_____ Ler e escrever: entrando no mundo da escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996
- CONVENÇÃO SOBRES OS DIREITOS DA CRIANÇA. UNICEF. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acesso em: 07/05/2021
- DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DA CRIANÇA. USP. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html> > - Acesso em 07/05/2021

- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. Ed.rev. São Paulo. Cosac Naify, 2010.
- MORAIS, Flavia D.C. **A evolução da modernidade na filosofia e na literatura: A literatura vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.
- RADAELLI, Juliana. **O nonsense no País das Maravilhas: o que Alice ensina à Educação**’ 01/05/2012 173f. Doutorado em educação Instituto de Ensino: Universidade De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP
- ROTHMANN, Miscon. **Alice No País Das Maravilhas”: Uma Relação Entre Literatura E Sociedade No Período Vitoriano**. Trabalho de conclusão de Curso do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas. UFAM- IEAA.
- SOPHIA, Gisele schmidt bechtlufft. **Andanças pelo país das maravilhas e pelo bosque do espelho: reflexões de alice para a educação**’ 17/03/2015 109F. Mestrado Em educação Instituição De Ensino: Universidade Catolica De Petropolis, Petrópolis Biblioteca Depositária: UCP